

UNIDADE CONSTITUTIVA DA PESSOA E CAMINHO DE INTEGRAÇÃO NO CONTATO COM A LITERATURA

CONSTITUTIVE UNITY OF THE PERSON AND PATH OF INTEGRATION IN CONTACT WITH LITERATURE

Suzana Filizola Brasiliense Carneiro¹

RESUMO

De acordo com as investigações de Edith Stein, as diferentes dimensões da pessoa (corpo, psique e espírito) se manifestam no nosso viver de forma unitária. Entretanto, apesar de constitutiva, essa unidade nem sempre é experimentada em primeira pessoa, pois muitas vezes nos damos conta apenas dos aspectos mais explícitos da experiência, reduzindo nosso horizonte de sentido a eles. Partindo desse contexto, o presente artigo realiza uma leitura do percurso de Edith Stein como um caminho de integração e de apropriação de si, compreendido como uma crescente tomada de consciência e apreensão dessa unidade inviolável que somos, mas que precisamos conquistar a cada vez. Escolhemos como eixo norteador desse percurso o contato de Stein com a literatura em três momentos de sua vida: infância, juventude e idade adulta. As suas experiências nesses três momentos apontam para um caminho de integração que passa pela abertura e sensibilidade à realidade, pelo dar-se conta das próprias experiências e pela apreensão dos valores presentes nas situações vividas, ousando oferecer uma resposta pessoal a essa realidade.

Palavras-chave: Edith Stein. Literatura. Desenvolvimento Humano. Unidade da Pessoa.

¹ Dra. em Psicologia Clínica pela USP. Professora de Psicologia na UNIP-Santos. *E-mail*: carneiro.suzana@yahoo.com.br

ABSTRACT

According to Edith Stein's investigations, the different dimensions of the person (body, psyche, spirit) manifest in our living as a unity. However, although constitutive, this unity is not always experienced in the first person, for we often realize only the most explicit aspects of experience, reducing our horizon of meaning to them. From this context, the present article takes a reading of Edith Stein's journey as a path of integration and self-appropriation, understood as a growing awareness and apprehension of this inviolable unity that we are but which we need to conquer each time. We choose as the guiding axis of this journey, Stein's contact with literature in three moments of her life: childhood, youth and adulthood. Her experience in these three moments points to a path of integration that involves openness and sensitivity to reality, realizing her own experiences and apprehending the values present in lived situations and daring to offer a personal response to this reality.

Keywords: Edith Stein. Literature. Human Development. Unity of the Person.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir de algumas passagens da vida de Edith Stein relatadas na sua autobiografia *Vida de uma família judia*², bem como de dois textos da filósofa que datam dos anos 1930, intitulados *Natural e sobrenatural em Fausto de Goethe*³ (STEIN, 1999b; 2003) e *A estrutura ôntica da pessoa e a problemática do seu conhecimento*⁴ (STEIN, 1999c).

Trata-se de uma leitura do percurso de Edith Stein à luz de algumas vivências que revelam um caminho formativo de integração entre as diversas dimensões de seu ser e da vida em comunidade. De fato, Stein (2013) afirma nas suas descrições antropológicas uma estrutura humana essencial tripartida (corpo, psique e espírito) e unitária. Desvela a partir de vivências cotidianas essa unidade inviolável da pessoa na qual um corpo não é apenas um pedaço de carne ou matéria pura (*Körper*), mas um corpo vivo (*Leib*), e na qual a alma humana⁵ não se revela como “puro espírito”, mas uma alma encarnada que forma o corpo e se expressa nele. Nesse sentido é possível dizer que, diferentemente do “puro espírito”, o ser humano não se conhece e não se possui completamente porque ele não é desde o início tudo o que é por natureza, daí a necessidade de formar-se (STEIN, 2013).

Portanto, apesar de constitutiva, essa unidade nem sempre é experimentada em primeira pessoa e, quando o é, não acontece de modo constante e permanente, pois ora a apreendemos e ora ela nos escapa reduzindo nosso horizonte de sentido ao ter que lidar com uma dor física intensa, com uma antipatia insuportável, uma paixão que nos cega, com um ideal de vida desencarnado ou até mesmo com a falta de um ideal. Mas, se tomarmos certa distância desses “micro movimentos” que oscilam a cada instante, é possível enxergar num horizonte mais amplo, um percurso pessoal de tomada de consciência e de elaboração de projetos que refletem a experiência de ser – da certeza de ser – como experiência de inteireza, de apreensão dessa unidade inviolável que somos, mas que precisamos conquistar a cada vez.

² Título original: *Aus dem Leben einer jüdischen Familie*.

³ Título original: *Natur und Übernatur in Goethes Faust*.

⁴ Título original: *Die ontische Struktur der Person und ihre erkenntnistheoretische Problematik..*

⁵ Alma aqui compreendida como a unidade psique e espírito – as dimensões da pessoa que não são materiais.

Essa realidade pode ser compreendida pelo exemplo dos nossos estados de ânimo, a partir da diferenciação que Stein (1999a) realiza entre estado vital e sentimento vital. Os estados vitais são próprios da esfera psíquica e se manifestam no viver (bem-estar, mal estar, estado febril etc.), mas podemos não nos aperceber deles. Como exemplo Stein (1999a) cita uma situação em que estamos cansados e, apesar desse estado ser evidente para os outros através do nosso aspecto exterior, podemos não nos dar conta dele. Esse “dar-se conta” é próprio da consciência e da esfera espiritual. Quando temos consciência de um estado vital, ele se torna um sentimento vital. Assim também, de um modo mais amplo, podemos dizer que as vivências se manifestam no nosso viver de forma unitária, já que essa unidade é inviolável e constitutiva, mas nem sempre nos damos conta dessa experiência de modo integral e tomamos consciência apenas de certos aspectos. Temos, portanto, de um lado, uma antropologia constitutiva de base que nos oferece uma estrutura de possibilidades e, de outro, o movimento formativo de integração e apropriação (ou não) de si, que é único e que ousamos apontar no percurso de Edith Stein a partir de recortes de sua biografia e de seu pensamento.

Para tanto, escolhemos como eixo norteador desse percurso a relação de Edith Stein com a literatura e a música, tão caras à autora e tão presentes em sua história desde pequena. O modo como ela foi afetada em diferentes momentos de sua vida por essas expressões artísticas, coloca em evidência três vivências fundamentais no percurso de integração e unidade pessoal de Stein: a sensibilidade, ou seja, o modo como ela era profundamente afetada pelas pessoas, circunstâncias, realidades e bens culturais; a consciência de si (da própria interioridade) e a honestidade corajosa com a qual ela entrava em contato com suas vivências e as expressava; e a capacidade de perceber um valor e de se mobilizar para a realização do mesmo, trazendo uma elaboração e uma contribuição pessoal para a afirmação de valores na própria vida e no contexto social no qual estava inserida.

Apresentaremos essas vivências a partir da narrativa da autora a respeito do seu contato, aos cinco anos de idade, com a obra *Maria Stuart* de Schiller; da repercussão do romance *Helmut Harringa* e da *Cantata 80 (Uma fortaleza é o nosso Deus)* de Bach, musicada a partir do Hino de Lutero, durante o período em que era estudante na Universidade de Breslávia, e das reflexões da filósofa e educadora a respeito da tragédia *Fausto*, de Goethe.

1 O ENCONTRO DE STEIN COM SCHILLER, POPERT, BACH E GOETHE

O contato precoce de Edith Stein com a literatura se deu através das discussões que ela presenciava em sua casa, entre a mãe e os irmãos mais velhos, e do interesse pela leitura de obras complexas, suscitado pelo ambiente familiar. Stein era muito atenta aos diálogos dos mais velhos, aberta e sensível ao que se passava ao seu redor, o que não se traduzia em uma vivência intelectual de mera curiosidade e acúmulo de informações, mas que a afetavam profundamente e de modo encarnado. Os conteúdos daquelas vivências eram absorvidos pela sensibilidade aguçada de uma criança pequena e transpiravam pelas suas entranhas. Faltava-lhe a clareza intelectual e a possibilidade de expressar em palavras os sentimentos suscitados no contato com realidades que a faziam sofrer. Ela não partilhava o que se passava em seu interior e seus irmãos a comparavam a um “livro de sete selos”. Mas o silêncio era traído por sensações dolorosas e um ânimo abatido, e por reações externas como crises de raiva e revelações de seu mundo interior através de “alucinações febris” (STEIN 2018, p. 85). Esse cenário, descrito em diversas circunstâncias da primeira infância, ilustra também a experiência de Stein no contato com a obra *Maria Stuart*, de Schiller, conforme relatado em sua autobiografia:

Quando eu tinha cinco anos ouvi a leitura de *Maria Stuart*, que Frieda precisava fazer para a escola. Quando a peça foi encenada, ela foi assistir junto com minha mãe. Como se falava da peça em casa havia vários dias, eu ouvi mais do que devia e enquanto as duas estavam no teatro, tive uma das minhas alucinações febris e comecei a gritar em um estado de euforia: “Corte então a cabeça de Elisabeth!” Ainda hoje me recordo como fiquei impressionada com a cena da decapitação. No ano seguinte, quando as aulas começaram e eu pude compreender as letras impressas, busquei na biblioteca da família o volume referente às obras de Schiller. Procurei minha mãe na cozinha perguntando-lhe se eu podia ler *Maria Stuart* para ela. Com muita seriedade ela respondeu: “Leia se você quiser”. Não sei mais até que ponto da leitura eu cheguei. É possível imaginar como reagiam meus parentes diante de tais situações abruptas. Diziam que era ‘nervosismo’ e procuravam de todas as maneiras que eu não recaísse naquele estado de superexcitação (STEIN 2018, p. 85).

O relato demonstra a sensibilidade de Edith Stein e o modo como era profundamente afetada pelo conteúdo de determinadas vivências. Por outro lado, essas impressões ainda não eram compreendidas (elaboradas pela razão) e sua vivência tendia a permanecer no nível psicofísico, deixando-a à mercê de um estado vital de mal estar intenso e difuso que ela denomina “superexcitação”. Trata-se de um estado no qual o sentido e sensação estão aguçados e o viver atinge um alto grau de tensão cujo momento seguinte se mostra como uma distensão dolorosa que não atinge o repouso, permanecendo uma sensibilidade na qual as impressões se impõem à consciência frágil e lhe fazem mal (STEIN, 1999a).

A compreensão dessa experiência e dos relatos seguintes pode ser clareada pela exposição de Stein (1999a) a respeito da constituição de uma vivência, na qual ela diferencia três elementos: o conteúdo, ou seja, aquilo que a consciência recebe como, por exemplo, a história de *Maria Stuart* e a cena da decapitação; o modo como esse conteúdo é apreendido pela consciência do sujeito, com diferentes sensações e graus de intensidade; e a consciência do viver, que não se confunde com a consciência no sentido de uma elaboração intelectual, mas é condição para esta, pois diz respeito à possibilidade humana de se dar conta do vivido. Na narrativa de Stein (2018), o conteúdo da decapitação de *Maria Stuart* foi apreendido como um mal estar intenso, ilustrando a sua abertura e sensibilidade para determinados valores. De fato, seu ânimo abatido parecia ser uma ressonância do valor (ou anti-valor) impregnado naquela cena, que ela captava na sua inteireza e em profundidade, embora não fosse capaz ainda de elaborar com a razão essa vivência. Ousamos dizer nesse caso, que o “olhar espiritual” estava desperto e era capaz de captar o valor impregnado em um conteúdo vivencial, mas que ela ainda não tinha consciência dessa dimensão, captando e vivendo as consequências dessa realidade na própria carne.

Chama-nos a atenção, portanto, como a unidade da pessoa se revela nesse relato, mas ao mesmo tempo, apesar da pessoa inteira ser atingida, a consciência do viver na criança de cinco anos era prevalentemente a consciência de um mal-estar psicofísico vivido solitariamente. Prevalece nesse caso uma percepção de si como um dar-se conta das sensações e, ao mesmo tempo, uma experiência de solidão que provavelmente contribuía com a intensidade e o prolongamento desses estados.

O segundo relato trata do período de estudos de Edith Stein na Universidade de Breslávia e do modo como ela foi afetada pela leitura de *Helmut Haringa: uma*

*história da nossa época*⁶, romance escrito pelo alemão Hermann Martin Popert e publicado em 1910. A obra se tornou um *beste seller* à época, sobretudo entre os jovens, o que pode ser compreendido pela contextualização apresentada nas notas do tradutor da autobiografia de Stein para o português:

A respeito do livro *Helmut Harringa*, convém lembrar que ele pode ser interpretado como resultado de uma mentalidade que se instalava com força nas duas primeiras décadas do século XX e que, em termos atuais, poderia ser chamado de “extrema direita”. Seu autor, Hermann Popert, era um jovem juiz de Hamburgo, encantado com mitologias nórdicas e nostálgico de civilizações passadas. De moral rígida, conduzia uma verdadeira cruzada contra o álcool, o tabagismo e a prática sexual na juventude. Pregava contra o “espírito francês” e contra os judeus. Ele encarnava, por assim dizer, as ideias dos jovens ultraconservadores que se infiltraram no movimento *Wandervogel* e que o fizeram sair da neutralidade política para tornar-se um movimento de “extrema direita”. Em sua fase final, o movimento *Wandervogel* transformou-se em um dos antecessores da juventude hitlerista. O livro *Helmut Harringa*, portanto, embora tivesse elementos positivos, também era alimentado por uma seiva obscurantista e violenta. Não é de estranhar que Edith Stein tenha adoecido psiquicamente com sua leitura (STEIN 2018, p. 268).

A força vital da jovem estudante universitária é absorvida pelo cenário degradante da juventude alemã explicitado no romance. Na trama, o irmão de Helmut se suicida e ele cai em profunda depressão, da qual nada conseguiria tirá-lo, senão um hino de Lutero baseado no salmo 46. Stein vivencia em primeira pessoa o mesmo movimento do herói, pois ela também se deprime, e será tirada da depressão ao ouvir uma cantata de Bach composta a partir do hino de Lutero citado no livro e que lhe era familiar (STEIN, 2018). Vejamos como ela descreve o contato com essa obra:

Lembro também de um momento em que, mesmo estando eu bem desperta e mesmo que fosse a pleno dia, tive a sensação de que o sol se apagou. Foi no verão de 1912 enquanto eu lia *Helmut Harringa*, romance de que se falava muito na época. Ele descrevia com as cores as mais nítidas a vida estudantil e seu deserto de vínculos humanos, deserto esse que inicia as pessoas

⁶ Título original: *Helmut Harringa. Eine Geschichte von unserer Zeit.*

absurdamente no consumo de álcool e em outros descaminhos morais daí resultantes. Aquilo me encheu de um desgosto tal que não fiquei bem por semanas. Perdera toda a confiança nos seres humanos que eu cruzava a cada dia. Ia e vinha com a impressão de estar esmagada por um peso enorme e não podia reencontrar minha alegria (STEIN 2018, p. 268).

Novamente Stein é profundamente afetada pelo conteúdo de uma obra e adoece ao se dar conta da degradação humana que permeava a vida dos jovens. Desta vez, a consciência do viver não para no estado vital, ou mesmo nos sentimentos suscitados pelo valor inerente ao conteúdo da obra. Stein não se restringe à consciência da reação psíquica que a acompanha apesar da forte intensidade com que a vive, mas consegue captar o sentido do conteúdo que a tocou, elaborando e clarificando o valor a ele inerente. Ela não sente simplesmente, mas consegue identificar as razões pelos quais o seu ânimo se abateu, transformando ou intensificando um estado vital que ela identifica como “depressão”. A jovem universitária dá um passo adiante na tomada de consciência de si e da própria vivência, saindo da pura reação psíquica para um “olhar espiritual” que é capaz de tomar distância do próprio eu e se dar conta do que ele experimenta e do motivo pelo qual o faz. Novamente, a unidade da pessoa é inviolável e está presente em toda experiência humana, mas a nossa consciência dos diferentes âmbitos e dos níveis de profundidade com os quais cada vivência está impregnada, depende de um processo de amadurecimento e de abertura que nos ajuda a crescer na possibilidade de tomadas de posições pessoais, que brotam de um eu mais íntegro, integrado, ou seja, da pessoa inteira. O relato seguinte descreve como Stein saiu daquele estado de escuridão:

É bastante significativo o que me curou da minha depressão. A cada ano, em Breslávia, uma grande festa era celebrada em honra de Bach. Eu apreciava Bach mais do que todos os outros músicos e compositores e tinha uma entrada para todos os concertos: recitais de órgãos, música de câmara e uma grande festa de gala com orquestra e cantos. Não sei mais qual oratório foi tocado naquela noite. Sei apenas que tocaram o hino triunfal de Lutero: *Uma fortaleza...* (eu sempre o cantara junto com as outras estudantes nos momentos de oração na escola primária). A estrofe retumbou dessa vez com nota de uma alegria verdadeiramente combativa: O mundo pode estar cheio de diabos/ e até querer nos devorar/ nós jamais temeremos/ haja o que houver, nós venceremos... Foi então que o mal do

século que eu sentia desapareceu de um só golpe. Decerto é possível que o mundo seja mau, mas me dei conta de que, se eu mesma e o pequeno grupo de amigos em quem eu podia confiar empregássemos todas as nossas forças, então terminaríamos com todos os “diabos” (STEIN 2018, p. 268).

Evidencia-se novamente a abertura e a sensibilidade de Stein para as manifestações artísticas e os valores por elas expressos. Nesse caso, a música de Bach pela qual Stein declara ter especial admiração e que se torna motivo de mobilização do eu para novas vivências. O sentido pessoal que Bach tinha para ela suscitou um movimento de abertura e por essa pequena brecha as palavras do hino de Lutero trouxeram novo fluxo de energia vital e a luz voltou a irradiar em sua alma. Não é à toa que, ao escrever sobre a formação humana, Stein (1999d) enfatize a importância da palavra, de conseguirmos expressar de maneira clara o que se passa em nosso interior e de como essa expressão intervém nas outras almas.

Esse último relato mostra claramente a experiência da unidade da pessoa e da relação intrínseca entre a vida psíquica e a vida do espírito a partir da relação entre causalidade e motivação. O sentimento vital momentâneo de escuridão, desgosto, peso e perda de confiança recebe novo fluxo de força pelo sentimento suscitado no contato com o valor intrínseco daquele canto: “*o mundo pode estar cheio de ‘diabos’, até querer nos devorar, nós jamais temeremos, haja o que houver, nós venceremos*” (STEIN 2018, p. 269).

Stein captou o sentido inerente a essas palavras como uma alegria combativa que se imprimiu em sua alma com força e profundidade suficientes para arrancá-la da depressão e transportá-la do terreno do desespero para o terreno da confiança, da escuridão solitária que não a permitia enxergar novas perspectivas diante de um contexto de degradação humana, para a abertura a novas possibilidades que se abriam juntamente com a tomada de consciência de que não estava sozinha, mas que tinha um grupo de amigos que partilhavam os mesmos sentidos que ela. Stein pode experimentar – ou ao menos vislumbrar – a força de uma vida comunitária.

Chama-nos a atenção, portanto, algumas diferenças no relato dessa vivência em relação ao da infância. Stein não para nas sensações e sentimentos, mas a consciência de si se amplia pelo reconhecimento da estreita ligação entre sua sensibilidade e determinados valores. O mal estar com o qual é afetada pelo “deserto de vínculos” entre os jovens, aponta para a sua sensibilidade frente ao valor das relações humanas, que será afirmado em seguida na experiência com a música de Bach. Ela é capaz de

identificar e nomear esses valores e agora, não mais solitária, se sente mobilizada para lutar por eles, concretizando-os através do grupo de amigos. A alegria combativa como o próprio nome diz, já é uma mobilização para uma resposta pessoal àquilo que a marcou. E essa alegria combativa também é acompanhada de um movimento de abertura não apenas para si, para a interioridade, mas para o outro. Ela não está mais só, não é mais uma alma muda, mas reconhece um grupo de amigos que partilham os mesmos ideais e com quem pode combater e vencer os desafios enfrentados pelos jovens em um contexto político-social adverso. A percepção de si se amplia à medida que ela se abre para o outro. Sai então do isolamento e da desconfiança, e passa a confiar em si e no outro. Trata-se de um movimento da pessoa inteira, mas que é fortemente marcado pela dinâmica espiritual, caracterizada pela abertura, distanciamento de si, reflexão e mobilização para a realização de um valor.

Finalmente, trazemos uma terceira situação para ilustrar esse caminho de integração em Stein a partir do contato com a literatura. Nesse caso, não se trata de um relato pessoal, mas de uma reflexão a respeito da obra *Fausto*, de Goethe (STEIN, 1999b). A história começa no céu, quando o demônio faz uma aposta com Deus de que conquistaria a alma de Fausto, um sábio médico que busca aprender tudo o que pode ser conhecido. Fausto se sente fracassado nessa tarefa e considera o suicídio como uma saída, mas desiste após escutar as celebrações de Páscoa na rua. O demônio (Mefistófeles) o procura e sela com ele um acordo no qual afirma que fará tudo o que Fausto quiser na terra e em troca, ele deverá servi-lo no inferno. No final da história, Fausto consegue ir para o Paraíso (GOETHE, 2011).

Stein irá fazer uma análise da obra, não do ponto de vista artístico e nem enquanto crítica pessoal a Goethe, que ela admirava e reconhecia como “o maior poeta alemão” (STEIN 1999b, p. 43). Trata-se de uma reflexão em relação à figura de Fausto do ponto de vista antropológico, e isso mobilizada por um apelo – que ela sente como um dever – de alertar e formar a juventude em um período crítico de iminência do nazismo. A análise de Edith Stein no texto *Natural e sobrenatural em Fausto de Goethe* revela a mesma preocupação da autora ao escrever sua autobiografia, onde ela afirma que o nacional socialismo iludia os jovens ao se apresentar com um “verniz católico”, distorcendo os fundamentos e a radicalidade da ética cristã e do valor da pessoa que esta afirma (STEIN, 2018). Será sobre esse mesmo fundamento que a filósofa irá questionar a figura de Fausto enquanto inspiração para a juventude (sobretudo a católica). Trata-se, portanto, de uma objeção de caráter pedagógico que visa alertar para o espírito que perpassa a obra, questionando a figura de Fausto

como um guia (*Führer*) para os jovens, uma figura que poderia servir de suporte para a ideologia nazista se a obra não fosse lida sem o “necessário distanciamento crítico” (ALES BELLO, 1999, p. 10). O objetivo neste ensaio pode ser aclarado pela própria autora:

Iniciar a juventude nas grandes criações do espírito alemão, despertar para essa reverência e gratidão, é sem dúvida uma tarefa de suma importância. Mas no confronto da juventude temos também o dever de tomar claramente posição e de operar um discernimento dos espíritos. A serviço dessa tarefa, gostaria agora de considerar, à luz da nossa fé, a estrutura conceitual dessa obra que foi definida como a *Summa* de Goethe (STEIN, 1999b, p.33).

Stein fará uma leitura de Fausto e dos movimentos de sua alma traçando um paralelo com a imagem arquitetônica de uma igreja que conhecera quando fazia conferências na Suíça. A igreja era composta por dois edifícios de estilos diferentes, um gótico e um barroco, mas que formavam um todo harmônico. A filósofa compara o conjunto arquitetônico à alma de Fausto na qual o edifício gótico representa a Graça divina e o edifício barroco – ou renascentista como ela irá nomear posteriormente – representa o humano e a atração por aquilo que é terreno. Na leitura de Stein (1999b), o percurso de Fausto ilustra a tensão entre essas duas realidades e coloca em evidência a relação entre natureza, liberdade e Graça, tema desenvolvido no texto *A estrutura ôntica da pessoa e a problemática de seu conhecimento* (STEIN, 1999c).

A natureza refere-se à dimensão psicofísica (vida natural espontânea) e à razão natural, enquanto a Graça é expressão de uma realidade sobrenatural (“reino da Graça” próprio do espírito divino) assim como o é o “reino do mal” (STEIN, 1999c, p. 55). Stein faz referência a esses reinos não como um pressuposto teórico, mas como fruto da análise fenomenológica da experiência humana, que evidencia a presença de uma dimensão transcendente. Ales Bello (1999) confirma esta postura pela seguinte afirmação:

Não se trata de pressupor a existência do reino do bem e do reino do mal, mas de mostrar que algumas atitudes e algumas tomadas de posição do ser humano constatáveis no cotidiano não encontram justificativas senão em condições não naturais (ALES BELLO, 1999, p. 18)

Como exemplo da ação da Graça na pessoa, Stein (1999e) afirma que, de acordo com a lei natural da razão, existem coisas que são dignas de amor e outras que são dignas de ódio e que, apenas sob

a ação de um espírito que transcende essa lógica, seria possível uma pessoa amar o que é odiável ou, no caso de um espírito oposto ao da Graça, odiar o que é amável. Ela também afirma que a passagem da vida natural para a esfera sobrenatural deve ser livremente realizada pela pessoa. Por isso “entre o reino da natureza e o reino da graça está o reino da liberdade” (STEIN, 1999c, p. 54). Apesar da expressão “reino da liberdade”, esclarece que a “liberdade pura” não pode ser um reino, uma vez que não possui extensão, mas é como um ponto vazio imóvel que precisa se ligar a algum reino para desenvolver sua vida interior. A esse respeito ela escreve:

O sujeito livre – a pessoa – é como tal exposto ao vazio. Ele possui a si mesmo e pode se mover em todas as direções. Entretanto, permanece absolutamente fixo em si mesmo devido a essa liberdade absoluta, e está condenado à imobilidade. O si que ele possui é totalmente vazio e recebe o preenchimento do reino ao qual se confia em virtude da sua liberdade (STEIN, 1999c, p. 54)

Nesse sentido Edith Stein afirma que a pessoa não pode fundar-se em si mesma, mas precisa ligar-se a algum reino (da natureza ou de outro que a transcenda) renunciando em parte à sua liberdade para poder realizar algo com ela. Essa será a discussão de fundo que irá permear a sua análise a respeito de Fausto, que a seu ver não encontra uma solução convincente ao vencer o mal com própria liberdade. Stein (1999b) afirma que o poeta não conseguiu ultrapassar os confins do humano e que a solução apresentada em Fausto tem a ver com a concepção de natureza presente na obra de Goethe. Em tal concepção, a natureza é vista como exclusivamente boa, sem levar em conta a corrupção que sofrera pelo pecado, conforme a perspectiva cristã. Nesse sentido, é possível a salvação de Fausto pelas próprias forças, sem a necessidade da Graça e do arrependimento, que seria a porta de entrada para a redenção.

“Aquele que sempre se esforça na busca [na luta], nós podemos salvá-lo”⁷ – está é uma verdade ilusória [...] se não é luta por amor ao próprio bem em si mesmo. O espírito de Fausto foi desviado da sua primeira fonte, pela sua livre escolha ele se afastou do Sumo Bem e nunca realizou seu retorno [uma conversão]. Nos últimos dias e momentos de sua vida ele se mostra mais decidido que nunca a limitar-se totalmente àquilo que é terreno e a dar as costas ao anseio de eternidade de sua juventude; parece como

⁷ Verso do poema.

se estivesse preso a uma febre de atividade que o impulsiona a levar a cabo o trabalho da própria vida. E quando se cega sobre o sopro da preocupação, isso nos parece – apesar de sua afirmação de que em seu interior se acende uma clara luz – como um símbolo daquela cegueira espiritual que quer fugir das coisas últimas, fechando os olhos diante destas [...]. Como vamos crer que esse espírito, que se apoia orgulhosamente na própria força, pertença aos “docilmente docemente arrependidos”, nos quais o amor que vem do alto encontra acesso [...] (STEIN 1999b, p. 42; STEIN 2003, p. 368).

Portanto, de acordo com Stein (1999b), Goethe não colhe a raiz última do mal e por isso, ele não compreende profundamente o significado da culpa, do arrependimento e da redenção. Segundo a filósofa, essa visão distorce o caminho da salvação de acordo com o catolicismo ao afirmar o poder ilusório da natureza e da liberdade humana em detrimento da necessidade do auxílio divino (Graça) e do caminho de acesso a esse reino sobrenatural, que passa necessariamente pelo calvário e pela cruz (STEIN 1999b). É contra esse espírito de Fausto que inspira os jovens a fundar-se sobre si mesmos apoiando-se “orgulhosamente na própria força”, e que converge com a ideologia nazista nascente, que Stein quer alertar (STEIN, 1999b, p. 42).

Retomando o fio condutor desse artigo, podemos dizer que através da análise de Fausto, Stein explicita uma visão antropológica que incorpora os aspectos apontados anteriormente pelos relatos da autobiografia, e que ousamos interpretar como um terceiro nível de elaboração da sua experiência no contato com a literatura. De fato, se no primeiro relato – da infância – predomina o aspecto sensível e a consciência de um estado vital; no segundo, essa consciência de si se amplia para o reconhecimento de um valor (ou anti-valor) e para a abertura ao outro; e agora, nesse terceiro momento do contato com a obra de Goethe, ela avança para um novo modo de elaboração da própria experiência que não para no reconhecimento de um valor, mas que avança na concretização do mesmo a partir da elaboração pessoal de um caminho pedagógico.

Além disso, a abertura para si e para o outro se amplia para uma abertura à transcendência, vivenciada na pessoa de Jesus Cristo após sua conversão ao catolicismo, e que ela irá compreender como a raiz daquele valor para o qual sempre esteve aberta e sensível, e pelo qual sofreu desde pequena: a pessoa humana. Nessa mesma lógica, como consequência dessa nova vivência, a confiança nos seres humanos (ao menos no seu grupo de amigos) que ela retomou no contato com a cantata

de Bach, agora é transportada para uma confiança no divino e na ação da Graça que ela irá descrever de modo mais claro no texto “A estrutura ôntica da pessoa e problemática da sua existência”.

Enfim, retomando o percurso apresentado, podemos dizer que aquilo que Stein viveu em primeira pessoa na infância e na juventude, o modo como foi profundamente afetada pela literatura e outras expressões artísticas (bens culturais) abriram os olhos do espírito para o potencial formativo (ou de-formativo) do conteúdo de uma vivência e para a necessidade de trazer à tona o espírito impregnado nesse conteúdo e a impressão que ele pode produzir na alma, sobretudo, da juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de Edith Stein ilustrado a partir de um breve recorte do contato da filósofa com a expressão artística (literatura e música) em diferentes momentos da sua vida coloca em evidência que a unidade da pessoa é constitutiva e inviolável, e que ela se revela mesmo na experiência de uma criança pequena, quando esta capta e vivencia na própria carne um valor espiritual, ainda que não tenha a clareza intelectual e a possibilidade de colocar em palavras aquilo que experimenta. No relato de Edith Stein aos cinco anos, quando entra em contato com a obra *Maria Stuart*, a unidade das dimensões se revelou, sobretudo, na intensidade de uma reação psicofísica a um conteúdo espiritual, e a consciência desse viver se restringiu basicamente ao dar-se conta de um mal estar suscitado no contato com uma cena de decapitação (STEIN, 2018).

Evidencia-se, portanto, que “a unidade entre todas as instâncias da estrutura da pessoa humana não é algo conquistado ao fim do processo de formação, mas está presente em todas as suas etapas” (MAHFOUD 2017, p. 293). Por outro lado, evidencia-se também que a consciência desse viver unitário não está presente desde o início e nem é constante ao longo da vida. O dar-se conta da própria experiência pode estar restrito a um único aspecto (como o mal-estar da criança pequena), impedindo que a unidade – apesar de presente – seja vivenciada em primeira pessoa. Nesse sentido podemos falar do processo de formação humana enquanto caminho de integração e unidade, que implica a tomada de consciência da complexidade das experiências que nos acontecem e, com ela, do crescimento na liberdade de tomar posição oferecendo uma resposta pessoal que nos fortalece na “certeza de ser” (MAHFOUD, 2017).

Vimos também como esse caminho de integração e de crescimento na liberdade se revelou nos relatos de Stein a partir de vivências de diferentes naturezas que foram se desenvolvendo e ampliando em estreita relação: a sua sensibilidade aguçada e o modo como foi profundamente afetada pela realidade desde a infância; a consciência de si e a aceitação corajosa da própria experiência, a exemplo do relato da depressão suscitada no contato com o romance Helmut Haringa; e o discernimento dos valores inerentes aos conteúdos das suas vivências, bem como a tomada de posição diante dos mesmos, como o fez na reflexão a respeito de *Fausto* de Goethe.

Finalmente, retomando o fio condutor do percurso apresentado, ou seja, o contato de Stein com a experiência estética (literatura e música), gostaríamos de destacar um aspecto apresentado por Mahfoud (2012) no livro *Experiência elementar em Psicologia: aprendendo a reconhecer*, no qual o autor aborda o que o italiano Luigi Giussani denomina de “evasão estética ou sentimental”, que parece ser uma vivência comum em nossos dias (MAHFOUD 2012, p. 162). Trata-se de uma tentativa de responder às perguntas radicais do ser, detendo-se apenas no nível das sensações, de uma emoção estética suscitada por uma obra, por exemplo, sem permitir que os valores ali presentes resultem em um compromisso pessoal do eu. Corremos sempre o risco de parar na sensibilidade pela sensibilidade, na emoção pela emoção, como se a beleza fosse um espetáculo a ser contemplado à distância, sem nenhuma implicação pessoal.

A esse respeito Edith Stein nos alerta e nos aponta, com sua vida e obra, para um antídoto contra essa postura estéril, e que começa pela atenção à própria interioridade de forma corajosa e honesta. Um terreno fértil, sobretudo para os jovens, a fim de se colocar em movimento um processo formativo de abertura e formação pessoal e comunitária, em um contexto cultural e político que não favorece a experiência de inteireza e unidade tão necessária para a “certeza de ser”.

A partir desse percurso, Edith Stein nos auxilia, portanto, na tomada de consciência da unidade pessoal e da complexidade de movimentos, profundidades e dimensões implicadas em cada vivência; e nos convida a fazer a experiência dessa complexidade com a mesma radicalidade com que o fez, passando de um dar-se conta dos nossos estados vitais (como o mundo me afeta?), para a consciência dos valores inerentes às situações vividas (o que essa vivência revela?) e ousando oferecer uma resposta pessoal em vias de concretização desses valores (que resposta posso dar ao mundo?).

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. Introduzione. In: STEIN, E. **Natura, persona, mistica**. 2. ed. Traduzione: Teresa Franzosi. Roma: Città Nuova, 1999.
- GOETHE, J.W VON. **Fausto**: uma tragédia. Primeira parte. Tradução: Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MAHFOUD, M. **Experiência elementar em Psicologia**: aprendendo a reconhecer. Belo Horizonte: Artesã, 2012.
- MAHFOUD, M. Formação da pessoa em Edith Stein: dos dados sensíveis à plenitude da personalidade. In: MAHFOUD, M; SAVIAN FILHO, J. (Org.). **Diálogos com Edith Stein**: Filosofia, Psicologia e Educação. São Paulo: Paulus, 2017.
- STEIN, E. **Psicologia e scienze dello spirito**: contributi per una fondazione filosofica. 2. ed. Presentazione: A. Ales Bello, Traduzione: A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999a.
- STEIN, E. Natura e soprannatura nel Fausto di Goethe. In: STEIN, E. **Natura, persona, mistica**. 2. ed. Traduzione: Teresa Franzosi. Roma: Città Nuova, 1999b. p. 29-48.
- STEIN, E. La struttura ontica della persona e la problematica della sua conoscenza. In: STEIN, E. **Natura, persona, mistica**. 2. ed. Traduzione: Teresa Franzosi. Roma: Città Nuova, 1999c, p. 49-114.
- STEIN, E. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução: Alfred J. Keller. Bauru: EDUSC, 1999d.
- STEIN, E. Natural y sorenatural en el Fausto de Goethe. In: STEIN, E. **Obras Completas**: escritos antropológicos y pedagógicos. Madrid: El Carmen 2003. p. 359-373. v. 4.
- STEIN, E. **La struttura della persona umana**: corso di antropologia filosofica. Traduzione dal tedesco: Michele D'Ambra. Opere complete di Edith. Dalla edizioni tedesca edita a cura dello Istituto Internazionale Edith Stein di Würzburg. Vol 14. Roma: Città Nuova, 2013. v. 14.
- STEIN, E. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução: Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner; Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.